

Fé e repetição: um olhar teológico-filosófico

Faith and repetition: a philosophical and theological view

Carlos Eduardo Cavalcanti Alves

Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Federal de
Juiz de Fora

RESUMO: O presente trabalho propõe identificar a inter-relação dos conceitos fé e repetição, presentes na nota de rodapé trinta e cinco da tradução de *O conceito de angústia* (2010), de Søren Aabye Kierkegaard. Para tanto, mostrar-se-á suas principais características, respectivamente, em outras duas obras do autor, *Temor e Tremor* (1979) e *A Repetição* (2009). Definidas como categorias religiosas na nota em questão, serão correlacionadas teológica e filosoficamente e aplicadas ao indivíduo. O objetivo é sugerir implicações do pensamento do autor dinamarquês para a compreensão da religiosidade humana.

PALAVRAS-CHAVE: FÉ; REPETIÇÃO; INDIVÍDUO.

ABSTRACT: This paper proposes to identify the interrelation of concepts faith and repetition present in thirty-five footnote translation of *The Concept of Anxiety* (2010), work written by the nineteenth-century thinker Søren Aabye Kierkegaard. For this, it will be showed its main features, respectively, in two other author's works, *Fear and Trembling* (1979) and *The Repetition* (2009). Defined as religious categories on the note in question, it will be correlated theological and philosophical and applied to the individual as well. The aim is to suggest implications of thinking of the danish author to the understanding of human religiosity.

KEY-WORDS: FAITH; REPETITION; INDIVIDUAL.

Introdução

Ao discorrer sobre o conceito de pecado na introdução da obra heteronímica *O conceito de angústia* (2010), Søren Aabye Kierkegaard expõe a contradição existente na ética a propósito da impossibilidade humana de se alcançar a idealidade que essa ciência pressupõe. Mesmo assim, defende, não há como concebê-la de outra forma: sua idealidade é essencial. A relação entre o pecado e a ética, então, ocorre no momento em que aquele encontra sua limitação: o arrependimento. Neste ponto de sua argumentação, o autor insere a nota de rodapé objeto desta comunicação, de número trinta e cinco,

que apresenta os conceitos de fé e repetição aqui tratados a partir de sua relação com outras duas obras heteronímicas e contemporâneas do pensador dinamarquês: *Temor e tremor* (1979) e *A repetição* (2009). O intuito desta comunicação é identificá-las como categorias religiosas e correlacioná-las teológica e filosoficamente, sugerindo implicações para a individualidade e a religiosidade humana.

A nota em *O conceito de angústia*

A primeira menção feita na nota de rodapé em *O conceito de angústia* é a *Temor e tremor*, a fim de ressaltar a idealidade religiosa como sendo a que corresponde à da realidade efetiva. Diferentemente da estética e da ética, como esfera que dá cumprimento ao ideal da primeira e se mostra possível, ao contrário da idealidade da segunda, o religioso surge como resultado do salto dialético positivo, que é invadido pelo novo, e do negativo, como paixão do absurdo, que é correspondente à “repetição”. Este salto supera o abismo que separa o ético do ideal religioso, o que ocorre justamente pela repetição, conceito trabalhado com profundidade em *A repetição*. De forma humorística, em sua abordagem estético-psicológica esta obra ocupa-se primeiramente em demonstrar que nessa categoria a metafísica encalha, diante do interesse da subjetividade; a ética, por seu turno, ganha sentido ao não se manifestar como obrigação; e a dogmática subsiste, em razão de a repetição começar com a fé, sede das questões dogmáticas. No espírito não ocorre o que se dá na natureza, onde a repetição é necessidade; naquele, entretanto, é interiorizada como tarefa da liberdade. A repetição é categoria religiosa, por isso transcendente, e ocorre por força do absurdo. Em conclusão, a eternidade é a verdadeira repetição.

Fé e repetição em *Temor e Tremor* e *A Repetição*

Categoria central em *Temor e tremor*, a fé é apresentada como a mais alta instância da existência e exemplificada a partir da experiência crucial de Abraão, qual seja, a de se dispor a sacrificar o filho da promessa, Isaac, a pedido do próprio Deus. Kierkegaard interpreta a curta epopeia do patriarca como momento repleto de contradições morais, superadas apenas pelo paradoxo que envolve o movimento da fé, paixão mais extrema de sua vida. O prosaísmo religioso não explicaria a sublimidade do ato do *pai da fé*, por estar

tão somente restrito à estética de uma tragédia. Sua infinita resignação, esfera ética de sua ação, ainda que com motivações originadas em sua crença, é apenas ponto de partida para o salto da confiança em Deus, em função do absurdo de que um milagre poderia acontecer – do abandono do finito para recebê-lo de volta, em um duplo movimento da sublime dialética da fé além de qualquer razão, como sua superação desta, nunca negação (KIERKEGAARD, 1979, p. 128-129).

Além da alusão crítica à filosofia especulativa de Hegel – “[...] a reflexão não pode produzir qualquer movimento. É o salto perpétuo na vida que explica o movimento. A mediação é uma quimera [...]” (KIERKEGAARD, 1979, p. 133, nota 4) –, o pensador dinamarquês tangencia o conceito “repetição” ao definir o movimento da fé em seus aspectos de retorno e de continuidade para a vida: a recordação não afeta o “cavaleiro da fé”, pois o estado religioso reconcilia-o com a realidade presente pela consciência eterna em relação ao ser eterno, com toda a paixão de sua alma. Como se Abraão dissesse: “eu creio, sem reserva, que obterei o que amo em virtude do absurdo, em virtude da minha fé de que tudo é possível a Deus” (KIERKEGAARD, 1979, p. 136). A repetição encontra-se no paradoxo de, a partir da fé, saltar rumo ao infinito e retornar, recebendo de volta o finito. Dessa forma ocorre a sublime repetição no evento bíblico: em sua fé plena de confiança na impossibilidade, no instante em que a eternidade toca a temporalidade o patriarca recebe seu filho de volta.

De forma inversa, em *A repetição* a fé é abordada tangencialmente. De início, Kierkegaard afirma que para além do velho da recordação e do novo da esperança, a seriedade da existência é o resultado da vida que deseja a repetição, que consiste na própria realidade e se projeta para frente (KIERKEGAARD, 2009, p. 32-33). Aqui há novamente a crítica à mediação hegeliana, que não pode ser confundida com a repetição e cuja insuficiência há ser suprida pela correta compreensão deste conceito. Não é *movimento*, associado à recordação grega, antes constitui o que foi e volta a ser. Como proposição geral ligada ao indivíduo, é interesse e fracasso da metafísica, está presente na ética e é condição essencial para a dogmática (KIERKEGAARD, 2009, p. 50-52).

Tratando do personagem central, um jovem poeta anônimo perturbado por ter deixado de súbito a mulher amada, pois ela se tornara apenas seu ideal poético, Kierkegaard no papel de observador

e seu confidente defende que o rapaz necessita realizar o movimento religioso, cuja repetição e sua transcendência já começara a investigar a partir do personagem bíblico Jó. A possibilidade da fé, então, entra em cena com a figura vetero-testamentária envolta em paixão e sofrimento, vivência marginalizada e relegada aos poetas em tempos modernos. Questionado quanto à sua integridade, Jó é tentado a limitar sua experiência à moral diante da perda de tudo quanto tinha no mundo: filhos, bens e saúde. Contudo, sua situação é indefinível ética, estética ou dogmaticamente: é provação, temporalidade presente na fronteira da fé, que não se dá na imediaticidade e onde a impossibilidade manifesta-se. É quando ocorre a repetição do espírito: Jó tem tudo de volta, em sua vivência perante Deus (KIERKEGAARD, 2009, p. 121-124). Ao aprender com Jó e saber do casamento da moça, a repetição manifesta-se no jovem poeta, que passa a ser ele mesmo novamente. Contudo, segundo o autor, o rapaz não experimenta a verdadeira repetição: a eternidade (KIERKEGAARD, 2009, p. 132).

A inter-relação dos conceitos

Os conceitos “fé” e “repetição” em *Temor e tremor* e *A repetição* podem ser correlacionados em suas semelhanças, a partir das categorias da interioridade e da liberdade, a fim de evidenciar sua inter-relação, isto é, a mútua penetração entre eles.

Comentando a análise de Kierkegaard por Heidegger, Valls (2012a) identifica no filósofo alemão grande precisão na definição de existência: *ser si mesmo* pelo interesse na realidade efetiva, que não se confunde com representação, antes é ligação com o outro enquanto verdade efetiva e real, sem mediação doutrinária. Consequentemente, afirma Valls que as categorias religiosas em Kierkegaard distanciam-se tanto da subserviência hegeliana da religião à filosofia, quanto da aridez dogmática propiciada pelo simples assentimento racional da verdade. Essa apropriação interior kierkegaardiana, de que fala Heidegger, está acima da imediaticidade. Exclui qualquer representação religiosa, constituindo-se a interioridade sede do interesse e da conseqüente relação de alteridade. E a razão, como mediato, cede lugar à fé como imediato último, desvinculada do imediato da lógica e da dogmática hegelianas, haja vista que, para Hegel:

A religião é representativa naquilo que ela imediatiza (“Deus é”) o que é mediato em si e para si; e, visto que o verdadeiro é da ordem de um processo (“o verdadeiro é o devir de si-mesmo”), pode-se dizer que a religião enuncia o todo verdadeiro, mas não “na figura do verdadeiro.” (KERVÉGAN, 2008, p. 119)

Se é verdade que o primeiro imediato é a estética, certamente aqui não está a fé, posto que não é inerente à existência (KIERKEGAARD, 1979, p. 159), tampouco a repetição, reapropriação da realidade e do que volta a existir, reconfigurada após a experiência religiosa, dimensão em que encontra seu sentido mais profundo e está totalmente ausente qualquer imediaticidade (KIERKEGAARD, 2009, p. 92, 124). Dessa forma, sugere uma base epistemológica existencial para a experiência religiosa, com implicações teológicas diferentes das proposições sistemáticas cristãs tradicionais, em especial as de cunho moral e escatológico:

Jó vai além da figura do herói, superando o seu significado na mitologia grega. Tal como Abraão, ele não conseguirá encontrar no geral uma legitimação, repouso ou compreensão. Por isso, a verdadeira repetição reside na sua história. (PAULA, 2008, p. 68)

Em decorrência, certeza e interioridade consistem na subjetividade *in concreto*, certeza que leva à ação. A interioridade é determinação do espírito e não precisa de qualquer mediação, pois mesmo a ausência de interioridade já está na imediaticidade da autorreflexão (KIERKEGAARD, 2010, p. 149-150).

Para Kierkegaard (2010), o conceito teológico do livre-arbítrio é abstração absurda diante da realidade do pecado, que por sua vez seria contradição se fosse necessário, posto que ambos eliminariam a angústia. Por outro lado, o pecado é pressuposição da dogmática. Portanto, não há mediação lógica, pois a angústia apresenta-se como condição intermediária entre a possibilidade e a liberdade do espírito na individualidade, projetando-se sempre para o porvir na temporalidade e na eternidade, momentos em que ocorre a repetição. Liberdade como necessidade do pensamento é um engano da filosofia. Ela é construída na ação. Pela pedagogia da angústia, então, há que se chegar à fé que apreende e enfrenta, em liberdade, a

possibilidade absoluta e infinita. A liberdade, assim, é ambiente da fé e da repetição, que crê e aguarda a reapropriação em função do absurdo, da impossibilidade, na superação da angústia diante da possibilidade.

Conclusão

O humano está em construção e tem em sua dimensão religiosa, pela fé e pela repetição, alicerce, estrutura e acabamento. A religiosidade não impede ou preenche os espaços estéticos e éticos; não os condena, contudo dá sentido a eles e, assim, a toda a existência:

O homem é uma performance, ele não é, ele se torna homem, assim como, dirá Kierkegaard, a gente não é cristão, a gente se torna cristão. Está incluído que para eu me tornar homem, para me tornar eu mesmo, tenho de me relacionar com Aquele que me pôs. (VALLS, 2012b, p.51)

Em março de 1847, Kierkegaard publica onze *Discursos edificantes em vários espíritos*. O terceiro discurso, intitulado *Qual a felicidade que está reservada à condição humana*, tem caráter eminentemente religioso e resume bem sua abordagem a respeito da interioridade e da liberdade na mais alta dimensão da vida: “a natureza nos ensina negativamente o que nos foi prometido. Escolher Deus [devemos], não o dinheiro, mas a grandeza está em poder escolher. Deus pode ser escolhido por cada um [...]” (Valls, 2013, p. 98-99).

Referências bibliográficas

KERVÉGAN, Jean-François. **Hegel e o hegelianismo**. Tradução de Mariana Paolozzi Sérvulo da Cunha. São Paulo: Loyola, 2008.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **A repetição**. Tradução de José Miranda Justo. Lisboa: Relógio D'Água, 2009.

_____. **O conceito de angústia**. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes; São Paulo: São Francisco, 2010.

_____. **Temor e tremor.** Tradução de Maria José Marinho. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 109-185 (Série Os pensadores).

PAULA, M. G. A repetição e o instante em Kierkegaard: um entrelaçamento de conceitos. **Artefilosofia.** Número 4 (2008), p. 63-74.

VALLS, Álvaro Luiz Montenegro. **Kierkegaard cá entre nós.** São Paulo: Liber Ars, 2012a.

_____. Kierkegaard leitor da Fenomenologia da religião. **Natureza humana.** Volume 14, número 1 (2012b), p. 1-20.

_____. **O crucificado encontra Dionísio:** estudos sobre Kierkegaard e Nietzsche. São Paulo: Loyola, 2013.